

Ele sabia. Entrámos no corredor dos iogurtes e não havia mais ninguém. Eu não me contive mais tempo. Havia uma pergunta que não podia deixar de ser feita. Era preciso por tudo em pratos limpos. Baixei a voz e aproximei-me dele, quase a segredar-lhe ao ouvido:

— E não te importas de seres visto a fazer compras com uma mulher que é suspeita de homicídio?

Ficou sério como um precipício. Estávamos parados frente a frente. Não sei o que brilhava nos seus olhos. Senti que lhe apetecia pôr os braços à minha volta e apertar-me, e eu bem precisava de alguma coisa assim. Mas não o fez. Disse:

— Ora, bem sabes como são as invejas e as más-línguas. E os jornais têm que vender.

Era sincero. Mesmo assim tentei justificar-me. Baixei ainda mais a voz:

— Não imaginas o que foi a minha vida de casada, o que eu passei, as vezes que fiquei em casa com vergonha da minha cara negra, que saí à rua de óculos escuros... Depois ele teve o AVC e tive que tratar dele. E não o aprisionava, como aquela mulher diz, ele é que não queria ver ninguém...

— Não precisas de explicar. Não precisas.

— E agora aquilo aconteceu... a explosão. Como é que sabes que não fui eu?

Ele abanava a cabeça, eu insisti:

— Tu tinhas acabado de reaparecer na minha vida... como é que sabes que não foste *tu*, sim, *tu*, a verdadeira causa da explosão?! — Apercebi-me do que estava a dizer...

E ele, será que também se apercebeu? Muito sério, parecia pronto a abraçar-me, mas não abraçou. Ainda não. Respondeu com outra pergunta:

— E tu, como é que *tu* sabes que eu não vim ter contigo por causa do teu dinheiro?

Ficámos por aqui. Até hoje, não voltámos a falar no assunto.